

A morte do pai e a resolução simbólica do assassinato edípico. Transitando por fronteiras psíquicas.¹

Bernard Miodownik²

RESUMO A partir da história mítica apresentada por Freud em *Totem e tabu* sobre o assassinato do pai na horda primitiva, são desenvolvidas reflexões sobre a formação e a consolidação das fronteiras psíquicas que possibilitaram ao ser humano transformar os atos homicidas e incestuosos em vivências simbólicas. Questões sobre o complexo de Édipo são examinadas dentro dessa perspectiva, ressaltando as mudanças nas relações paterno-materno-filiais ao longo dos tempos. A partir de textos de Italo Svevo, Giuseppe Berto, Paul Auster e Philip Roth (os três últimos de caráter autobiográfico), nos quais a morte do pai tem um papel predominante, são discutidas as especificidades da simbolização da fantasia do assassinato edípico em cada relação pai-filho, assim como o papel da mãe nessas configurações.

PALAVRAS CHAVE complexo de Édipo; fronteiras psíquicas; simbolização; psicanálise e literatura.

[...] minha reação à morte do meu pai – isto é, ao acontecimento mais significativo, à perda mais incisiva, da vida de um homem.
(Freud, 1899/2012a, p. 6)

1. Versão ampliada do tema-livre apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise FEBRAPSI, Fortaleza, novembro/2017.

2. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Ao se acreditar na história mítica narrada por Freud em *Totem e tabu* (1913/2012b), a morte violenta de um pai forjou a civilização humana. Segundo ele, a horda primitiva era liderada por um macho despótico que tinha para si todas as fêmeas do grupo, assumindo a primazia do sexo e da fecundação e excluindo os outros machos. Estes, prováveis filhos do líder que permaneciam alijados e ressentidos, em algum momento desses tempos imemoriais se uniram e assassinaram o pai.

A partir desse episódio, Freud descreve a formação de importantes mecanismos psíquicos como a identificação com o pai pela incorporação dos aspectos admirados através de pedaços canibalizados dele e o surgimento do sentimento de culpa. Regras morais e leis punitivas foram criadas com a função de evitar que o fato se repetisse (o castigo interno pela culpa foi materializado em castigo externo caso o primeiro não fosse suficiente). As regras e leis também favoreceram a distribuição das mulheres, do prazer sexual e da transmissão dos genes entre os homens da tribo. A proibição permaneceu em relação à mãe (a interdição ao incesto) e, também, em relação a indivíduos do mesmo ramo de descendência. Em *Totem e tabu*, Freud mostra como esse processo se aperfeiçoou e se ampliou gradativamente, das formações tribais até as sociedades modernas, na busca de estruturas legais e culturais complexas que possibilitem a convivência tolerável nos grupos humanos.

A memória do assassinato e a proibição do incesto permaneceram como marcas filogenéticas na humanidade. Não matarás, não desejarás a mulher do próximo. Mandamentos comumente desobedecidos pelas demandas pulsionais que os grupos humanos precisam conter a fim de não se perder a coesão e levar a desagregação e lutas fratricidas. Aspecto claramente perceptível no plano social pela frequência com que se sucede a alternância entre os períodos de guerra e destruição com os de paz e reconstrução na história da humanidade. No mundo interno de cada sujeito a questão passou a ser de que forma reprimir o ato (criminoso e incestuoso) e possibilitar que haja expressão através de linguagem simbólica, como nos mitos, nos sonhos, na rivalidade cotidiana pais-filhos e no conflito de gerações para que, no fim das contas, predominem os vínculos amorosos com o pai.

O episódio do assassinato do pai na horda primitiva descrito em *Totem e tabu* está presente em diversos mitos fundadores de religiões ou de civilizações, seja de forma direta, como entre os gregos (Urano-Cronos-Zeus), ou através de deslocamentos, como em episódios bíblicos. Ao examinar esses relatos verifica-se que há um inequívoco conflito filicídio-parricídio dominante, que também se acha presente em teorias psicanalíticas sobre a origem do complexo de

Édipo³. Os impulsos homicidas pais-filhos dos tempos primitivos permanecem como resquícios no inconsciente. No entanto, a história emocional da humanidade estabeleceu fronteiras que impõem limites ao ato, assim como são permeáveis o suficiente para que os desejos não atuem nas sombras e possam vir à luz através de simbolizações e de novas formas de relacionamento paterno-filial. Quais fatores teriam modificado os impulsos homicidas e incestuosos, levando à passagem do ato para o simbólico?

Um trecho pouco abordado em *Totem e tabu* fala do relacionamento entre os irmãos durante o exílio:

[...] o pai fora eliminado, não havia como remediar isso [...] a necessidade sexual não une os homens, ela os divide. Os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, mas eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejaria, como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria. Nenhum era tão mais forte que os outros, de modo a poder assumir o papel do pai. Assim os irmãos não tiveram alternativa, querendo viver juntos, senão – talvez após superarem graves incidentes – instituir a proibição do incesto, com que renunciavam simultaneamente às mulheres que desejavam, pelas quais haviam, antes de tudo, eliminado o pai. Assim salvaram a organização, que os havia fortalecido e que pode ter se baseado nos sentimentos e atividades homossexuais que teriam surgido entre eles no tempo da expulsão. (Freud, 1913/2012b, p. 219-220)

O que ressalta na hipótese de Freud é o surgimento primitivo de vínculos amorosos diretos (“sentimentos e atividades homossexuais”) que se solidificaram provavelmente “após superarem graves incidentes”, até se tornarem efetivos pela finalidade preservativa de contenção da destrutividade assassina que ameaçava dominar o grupo. Os vínculos amorosos possibilitaram a formação de novas estruturas de convivência grupal. A ambivalência entre os machos competidores pôde se constituir como amor e ódio relacional em contraposição à anterior admiração associada à submissão como defesa e forma de sobrevivência

3. Kohut considera que a rivalidade edípica se exacerba quando há, como no drama de Sófocles, um pai que rejeita o filho ou o trata somente como um competidor, tal qual o pai da horda primitiva. “*Um pai em equilíbrio narcísico não se sente ultrajado pelos desafios que seu filho impõe*” (Siegel, 2005, p. 206). Na peça Édipo-Rei, dentro desta visão, é possível se entender o aviso do oráculo a Laio como os próprios aspectos persecutórios internos em relação ao filho que poderá destroná-lo do seu lugar de pai. Há “majestades” como o Rei Laio que não toleram que o filho se torne Sua Majestade, o bebê.

contra a indiferença afetiva e assassina do líder. Sabemos o quanto o equilíbrio entre esses dois formatos é frágil até em organizações grupais mais complexas. Fatores psíquicos e sociais – muitas vezes ambos conjugados – alteram os relacionamentos em estágio de dependência madura (Fairbairn, 2001) para fases regredidas de predomínio narcísico que negam a presença dos outros como sujeitos com individualidade própria.

Apesar de serem hipóteses – talvez construções do passado intermediadas por vivências e compreensões atuais das funções paterna, materna e filial –, essas reflexões levam ao outro ponto de inflexão que pode ter favorecido a criação de uma fronteira dinâmica entre o ato e o símbolo. Considerando o modelo da horda primitiva como o ponto zero do que se entende por humanidade, uma mudança gradativa que teria se desenvolvido a partir daí foi a participação mais ativa da mulher-mãe. Nos mitos gregos da criação, Gaia, a Mãe-Terra, é cúmplice de Cronos para salvá-lo da fúria de Urano e eliminá-lo. O mesmo se passa com a ajuda que dá a Zeus em relação a seu pai Cronos. Em Édipo-rei, de Sófocles (1989), em determinado momento, Jocasta procura demover Édipo de sua investigação: “muitos mortais em sonhos já subiram ao leito materno” (p. 68); “Peço-te pelos deuses!... livra-te dessas ideias” (p. 74). Acrescente-se a essas narrativas as mulheres bíblicas que ultrapassavam barreiras para ficar ao lado dos filhos, muitas vezes contra a vontade do pai.

Mudanças gradativas na presença das mulheres e das mães que também só puderam ocorrer “após superarem graves incidentes”.⁴ Em trabalho anterior (Miodownik, 2013), com o apoio de pesquisas da Psicologia associada com a evolução humana, discuti questões que mostram como a mulher criou o desen-

4. A narrativa bíblica de Abraão ilustra bem, através de deslocamentos e condensações, uma importante transformação cultural. Abraão é instado por Deus a sacrificar seu filho Isaque para demonstrar sua fé. A própria voz de Deus contém a mão do patriarca que já apontava o cutelo na direção do filho para cumprir o mandato divino. Oferecer uma justificativa religiosa e não uma decisão humana seria inevitável à época para conter uma prática comum no paganismo que era o sacrifício do primogênito como retribuição aos deuses pela fertilidade da terra (provavelmente uma justificativa religiosa para encobrir o filicídio). No episódio bíblico, Abraão e Sara formam um casal que procura terra para se estabelecer, talvez um casal que fugia de alguma imposição grupal. Pode se pensar em uma mãe que não aceita entregar o filho ao sacrifício e um pai que concorda com ela. Conjecturas certamente, mas o fato é que este episódio bíblico inaugurou uma nova relação paterno-materno-filial que levou ao desaparecimento gradativo do rito sacrificial nos diversos grupos culturais humanos. Permaneceram as vicissitudes filicidas-parricidas-incestuosas no inconsciente que se expressam em momentos diversos da história das civilizações e dos indivíduos quando as fronteiras entre ato e símbolo são derrubadas. A presença do primogênito gerando ameaças mortais é recorrente nos mitos e em diversas narrativas ao longo dos tempos: Moisés colocado em um cesto; a última das pragas contra o faraó; Édipo; Jesus Cristo; Branca de Neve; Darth Vader e Luke Skywalker.

volvimento progressivo de um homem mais presente nos cuidados da prole ao evitar que outros percebessem os sinais exteriores que indicavam a ovulação (diferente dos outros mamíferos)⁵. Foi um ganho evolutivo para ela própria e para a espécie, pois dessa forma manteve o homem ao seu lado, já que este precisava da garantia que os filhos gerados seriam seus. A permanência do homem junto à sua parceira permitiu que se estabelecesse no psiquismo o vínculo triangular, o que, segundo Freud, foi essencial para reprimir os impulsos homicidas e incestuosos, estabelecendo a fronteira que reprime o ato e, assim, possibilitar que este se transformasse e se expressasse emocional e simbolicamente no relacionamento com os pais^{6,7}. Como disse Freud, “a relação com os pais, dominada por anseios incestuosos, é o complexo nuclear da neurose” (Freud, 1913/2012b, p. 41).

A relação ambivalente de amor-ódio e de admiração-depreciação será determinante para a resolução do complexo de Édipo na criança. A capacidade de aceitar que mãe e pai são objetos de desejos amorosos e agressivos será específica de cada relação triangular. Entre o ato e sua simbolização haverá uma fronteira que, a depender da extensão que cada lado do triângulo (os catetos e a hipotenusa) se apresenta, será maleável e dinâmica, ou rígida ou excessivamente porosa. A história de Édipo-rei é uma contínua alternância de fronteiras que dividem áreas psíquicas. Ao nascer e atravessar a fronteira do útero materno ele encontra em Tebas um mundo inóspito e ameaçador externa e internamente. Enviado para a morte, se salva ao atravessar a fronteira para Corinto. Ali, vivencia o seu romance familiar, porque é o filho desejado do rei e da rainha. Ao ser informado de que mataria o seu pai e desposaria sua mãe, para não aceitar a castração (a proibição ao incesto) e simbolizá-la, ele foge. Retorna à fronteira de Tebas após vencer a Esfinge. Ao responder a pergunta mostra que há no seu psiquismo um conceito sobre a castração (no sentido de limites), por

5. Em *Mal-estar na cultura* (Freud, 1930/2010), Freud sugere que a passagem do ser humano para a postura ereta afastou-o da terra e da proeminência do olfato característico dos quadrúpedes. Essa mudança levou à desvalorização da capacidade olfativa voltada para a sexualidade, impossibilitando o reconhecimento, através deste sentido, do período fértil feminino.

6. Como Freud, entendo a vinculação triangular, especialmente a função que ressaltou sobre o seu papel como fronteira, com diferentes particularidades em culturas diversas.

7. Entre o ato e o símbolo existe um trabalho mental na formação de representações psíquicas relativas ao desenvolvimento primitivo anterior ao Édipo. Detalhar este ponto – muito presente na psicanálise contemporânea, devido à observação de pacientes em que predominam as falhas representacionais que dificultam a simbolização – foge ao objetivo deste artigo.

reconhecer a passagem do tempo no enigma proposto. Ao adentrar Tebas volta a negar as interdições ao parricídio e ao incesto. Casa com a viúva do rei que ele assassinara quando este tentou novamente, na encruzilhada, executar o filicídio. A peste do inconsciente o alcança e, ao defrontar-se com a realidade, ele se pune através de um ato, e não simbolicamente⁸. Nova fronteira o espera. Exilado, vai para Colono onde procura elaborar o que aconteceu, o que causa uma dor tão intensa que procura negar, dificultando a entrada no simbólico (Steiner, 1997).

No desenvolvimento da Psicanálise, após a teoria das relações de objeto, a preponderância da função paterna, conforme se dá na obra freudiana, ficou em segundo plano. Não que o complexo de Édipo saísse do escopo da investigação e da terapia psicanalíticas, mas a sua resolução estaria marcada pelas vicissitudes das angústias primitivas, especialmente na relação com a mãe. Importante destacar que, na Psicanálise francesa, lacaniana ou não, se considera a maneira como a mãe insere o pai da criança no seu próprio inconsciente e, dessa forma, o apresenta ao bebê, o que é essencial para a futura resolução edípica.

A partir de relatos literários sobre a morte do pai procuro mostrar formas de resolução simbólica do assassinato edípico. Apresento os entraves e os aspectos facilitadores e como estes envolvem, também, a participação da figura materna.

Zeno e Berto

Há muitas semelhanças entre os escritores italianos Ítalo Svevo (1861-1928) e Giuseppe Berto (1914-1978). Ambos escreveram obras marcantes na forma e no conteúdo. Svevo com *A consciência de Zeno* (1923/1984) e Berto com *O mal obscuro* (1964/2005). O contato com analistas pioneiros e fundadores da Sociedade Italiana é outro ponto em comum. Svevo com Edoardo Weiss, com o qual manteve uma relação ambivalente⁹. Berto foi paciente de análise de outro dos pioneiros. Os livros falam de psicanálise sob óticas diferentes, sendo que Zeno é um personagem, enquanto o livro de Berto é sobre ele mesmo e o seu processo analítico. Ambos os livros falam da morte do pai.

8. Como quer Freud, o ato de Édipo se cegar é um equivalente da castração. No entanto, continua a ser um ato danoso ao próprio corpo e não uma simbolização.

9. Detalhes sobre a relação de Svevo com a psicanálise e com Edoardo Weiss (que se recusou a prefaciar o livro por considerá-lo um ataque à Psicanálise) e outros aspectos de *A consciência de Zeno* foram abordados em artigo anterior (Miodownik, 2007).

A consciência de Zeno (Svevo, 1923/1984) foi a primeira ficção em que um psicanalista e a psicanálise apareceram como personagens. Nas primeiras páginas, no capítulo intitulado “A morte de meu pai”, Zeno fica “intrigado pelo fato estranho de que essa desesperança quanto ao meu futuro só veio a se produzir com a morte do meu pai” (p. 34). Conta a sua tentativa de modificar a relação sempre distante e submissa diante do pai a partir da doença deste. Tentativa infrutífera, pois há uma distância afetiva imensa entre os dois e a função paterna escoa por um imenso vazio. “Curioso – falou (o pai de Zeno) – Não consigo dizer-lhe nada, nada mesmo” (p. 42).

No estágio terminal da doença, com o estado de consciência alterado, o pai quer levantar-se da cama e Zeno, afirmando estar seguindo as ordens médicas, tenta contê-lo. O pai, diante da resistência que o filho lhe impõe, em derradeiro gesto usa toda a energia que lhe resta, ergue a mão no alto, esbofeteia Zeno no rosto e morre logo a seguir. Perplexo, Zeno procura negar: “depois, no funeral, voltei a lembrar-me do meu pai, fraco e bom como sempre o vira desde a minha infância, e me convenci que a bofetada que me dera, moribundo, não fora de fato proposital” (p. 59). O que a narrativa a seguir mostra é um sujeito que caminha para um fracasso existencial, que não consegue compreender nada de si mesmo nem dos outros próximos, nem perceber o sadomasoquismo presente em todas as suas relações.

Chama a atenção o pouco que traz da relação com a mãe, falecida quando Zeno contava quinze anos de idade, que é descrita em um breve e superficial parágrafo. O que me faz supor uma constelação frequente na clínica em que há ausência de mãe e excesso de pai. Zeno não consegue demonstrar amor ou ódio genuínos e permanece entranhado desses objetos para evitar a separação e não cair no vazio. Neste contexto, a resolução do triângulo edípico é prejudicada porque há uma impossibilidade de vivenciar as ambivalências necessárias em relação aos objetos externos. No final do livro, sua tábua de salvação é comprar, vender, comprar, vender. “Além de não querer submeter-me à psicanálise, também não tenho necessidade dela” (p. 400).

O livro de Giuseppe Berto é o resultado do seu processo analítico. Após a morte do seu pai, ele adoece gravemente com sintomas fóbicos, psicossomáticos e hipocondríacos predominantes e assim permanece por dez anos. O livro é a história da sua doença e a sua dificuldade de se separar das identificações com um pai rigoroso e depreciativo do seu único filho homem (Berto teve duas irmãs). A história começa quando Berto é chamado para vir à cidade onde a família reside, e da qual se afastara há anos (era jornalista, roteirista de cinema e autor de três

romances), porque o pai estava à beira da morte. Por se considerar em dívida e com alguma expectativa de reconciliar-se com o pai no seu final ele, apesar de contrafeito com o incômodo, atende ao chamado. O encontro é desastroso, sem nenhuma possibilidade de reparação por ambas as partes. Como o pai tem uma melhora clínica e o médico diz que ele está bem, Berto retorna com a sensação de ter perdido tempo, praguejando contra o pai e o restante da família (irmãs aliadas do pai, a mãe omissa e amedrontada). Assim que chega a sua cidade recebe a notícia que o pai falecera subitamente neste breve intervalo da viagem de volta. Aí começa o pesadelo de ódio, ressentimento e culpa que o adoece e que está descrito no livro com um tom confessional que mais parece expelir ou evacuar o que está no seu mundo interno sem fronteiras filtrantes. Por conta disso, *O mal obscuro* (Berto, 1964/2005) é um livro esplendidamente escrito, pois consegue expressar em linguagem o que mais parece coisa sem representação psíquica. E com um ritmo alucinante, que literalmente “mexe com as vísceras”, com tons de humor que variam da ironia ao sarcasmo e da mordacidade à morbidez.

O mal obscuro também é um livro difícil, porque são parágrafos e sentenças imensas, de muitas páginas, com somente vírgulas a marcar pausas e possibilitar a respiração do leitor. Entra-se em contato com detalhes minuciosos do organismo de Berto revelados obsessivamente, com fluidos corporais de toda espécie, com excrementos diversos em suas cores e olores variados, com os borborismos, flatulências e movimentos peristálticos, com as dores incomensuráveis, com as injeções de morfina, os preparados químicos, os óleos, os unguentos, com os periplos pelos médicos de várias especialidades em que ele parece triunfar a cada fracasso dos doutores, tudo isso vituperado por um sujeito iracundo e pouco respeitoso, acossado pela sombra do pai ao qual está identificado, pai que tem na raiz a marca da rigidez da Igreja Católica italiana anterior ao Concílio do Vaticano e do nacionalismo gêmeo do fascismo, identificação com o pai que só aos poucos consegue perceber, inclusive a sua aderência e prazer sadomasoquista a esse estilo, reconhecimento que principia ao se surpreender, fazendo com a filha o mesmo que o pai lhe fez, aí já alertado pela influência do processo analítico^{10,11}.

10. Sentença não tão longa quanto às de Berto, mas à moda dele.

11. Berto se voluntariou para lutar na guerra colonial na Abissínia (atual Etiópia) e flertou um período com partidos fascistas, o que pode ter gerado certa segregação no meio intelectual italiano e a menor repercussão da sua obra escrita. “Sei que tenho, justamente, muitos inimigos devido ao meu caráter escorbútico, e às atitudes muitas vezes intransigentes. Por causa desses mesmos defeitos, também tenho alguns amigos, e isso me basta.” (p 323). Frase final da Nota do autor após o romance.

Como a Psicanálise ajudou este sujeito? Berto aceita as insistentes sugestões da mulher e de alguns amigos para fazer análise. Inicialmente, o faz a contragosto, se referindo ao tratamento de forma desvalorizada, no seu habitual humor agressivo, intelectualizando os termos psicanalíticos. Ao analista, sempre se refere como “o velhinho”. Ao final, reconhece o valor da terapia para a melhora dos seus sintomas, para a diminuição da culpa e para a admissão da ambivalência afetiva em relação ao pai. Todo o sofrimento dos dez anos conseguiu transformar em escrita, talvez por sugestão do analista tal como no romance de Svevo (aliás, uma constante referência para Berto). Onde havia ato tornou-se símbolo e ao inserir essa fronteira em seu psiquismo, Berto escreveu a obra-prima pela qual tanto ansiava. O que foi o processo analítico para ele?

Na época eu não acreditava em psicanálise, e temo continuar não acreditando agora, embora reconheça que deva ser verdadeiro o princípio sobre o qual a psicanálise se funda, ou seja, a ideia de que na primeiríssima infância nós amamos e odiamos descontrolada e assustadoramente, de que tivemos medos terríveis e monstruosos, alegrias incontidas, atrações e repulsas prepotentes, e, apesar de tudo isso ser esquecido, continuou dentro de nós, depositado no inconsciente, de onde continua a influir de modo determinante sobre a nossa conduta. Porém, o ponto de força da psicanálise não é tanto a doutrina, mas o analista. Tive a sorte de encontrar um homem extraordinariamente bom, inteligente, compreensivo, atento, afetuoso... conduziu-me gradativamente a olhar dentro de mim sem medo ou vergonha do que eu pudesse encontrar ali... (Berto, 1964/2005, p. 320)

E quem era “o velhinho” a quem a transferência propiciou importante melhora e capacidade de autorreflexão em um caso tão grave, apesar da negação de Berto em aceitar o valor da psicanálise?

Nicola Perrotti foi um dos fundadores da Sociedade Italiana e era considerado um psicanalista com interesses diversos sobre o psiquismo, a cultura e o meio social. Teve atividade política intensa, tendo sido um dos fundadores do partido socialista da Itália. Foi eleito parlamentar e, também, ministro da saúde (Chianes, 2011). Importante salientar que Berto havia nutrido simpatia pelo fascismo e, pela descrição no romance autobiográfico, dedicou à análise e ao analista não poucos arroubos autoritários durante o processo. Ao que tudo indica, Nicola Perrotti foi capaz de suportar essa diferença e ajudar Berto a lidar com as ambivalências que as diferenças despertam.

O exemplo dessa relação analítica é ilustrativo de como um pai e um analista na transferência devem ter condições de suportar as “tentativas de assassinato” de um filho ou de um paciente sem retaliar. O problema é que, em alguns ou em muitos momentos de uma análise isso sempre acontece, principalmente em casos graves, assim como um pai ideal não existe e também responde intempestivamente a um filho em certas ocasiões. Fronteiras psíquicas melhor estruturadas são aquelas que podem receber influxos de áreas primitivas e, nem por isso, se dissolverem. Ao contrário, geram material de reflexão e podem favorecer o desenvolvimento psicanalítico.

Os casos de Zeno e de Berto remetem a Geraldo, um dos meus primeiros pacientes em análise, que aos 45 anos apresentou um quadro de agorafobia com vivências de angústia intensa (pânico), o que levou o trabalho no comércio familiar a se restringir a algumas horas na semana. O pai de Geraldo era severo, pouco afetivo, valorizando somente a capacidade dos filhos de “fazer dinheiro”. A mãe, uma figura nula e submissa, silenciava diante das inúmeras e nada escondidas infidelidades do marido. Geraldo também fez do comércio a razão da sua existência. Comprar, vender, comprar, vender até que uma desavença familiar levou à sua crise emocional.

As sessões de Geraldo eram repetitivas, contando sempre as mesmas histórias sobre o pai, a mãe, os irmãos e sobre a sua submissão anterior ao estilo de vida da família, porém sem maiores críticas ou variações emocionais. Um dia ele me surpreende com uma intensa ansiedade e pede que eu verifique a sua pulsação. Tento me esquivar, interpreto, mas ele não ouve, insiste para que eu verifique a sua pulsação e estende o braço na minha direção. Encurralado, sem saber me desvencilhar, o faço. A pulsação está acelerada, mas aos poucos ela parece diminuir, à medida que também diminui a angústia. Era forma de ele expressar alguma emoção e receber ajuda, primitiva, corporal. Pai e mãe eram vivos à época, mas mortos-vivos na mente dele, como sombras que o impediam de expressar os seus sentimentos. No primeiro grande conflito familiar explícito relacionado a dinheiro (como substituto do afeto), Geraldo sentiu como se estivesse matando concretamente o pai – tal como pai da horda primitiva foi assassinado –, o que gerou o intenso pânico. Durante a análise conseguiu trazer as queixas e o repúdio às atitudes paternas, de início muito assustado porque continuava com sua postura de admiração-submissão a esse pai. Permaneceu em análise em torno de quatro anos até interromper por conta própria, sem ter conseguido vivenciar uma ambivalência plena em relação ao pai, o que talvez representasse uma separação insuportável para ele, provavelmente imerso em fantasias homicidas.

Auster

No livro *A invenção da solidão* (1982/1999), a partir do momento em que recebe a notícia da morte de seu pai, Paul Auster sai à sua procura, na memória que recupera e na que precisa criar.

Se enquanto estava vivo, eu andava sempre em busca dele, sempre tentando encontrar o pai que não estava presente, agora que ele está morto ainda tenho a sensação de que devo continuar à sua procura. A morte não mudou nada. A única diferença é que meu tempo se esgotou. (p. 13)

Era a oportunidade para que ele pudesse, enfim, fazer nascer um pai. A relação familiar sempre foi atribulada com um pai que se ausentou no momento do nascimento do filho e em muitas ocasiões no decorrer da sua história. Obsessivo, pouco falante, rígido nas críticas a ele e à irmã, isso quando se manifestava, avesso a maiores demonstrações afetivas, “a recordação mais remota: sua ausência” (p. 28). Por outro lado, Paul não deixa de relatar os breves momentos de encontro, de capacidade do pai de ser empático às necessidades do filho.

Em contrapartida, a mãe era presente: “eu era o queridinho da minha mãe”. Esta mãe, após os filhos terem crescido, pede o divórcio, fato incomum à época. Diferente de uma mãe incestuosa que se alia ao filho para excluir o pai, ela aparece na narrativa como tendo preservado alguma imagem de pai para Paul, sendo que, ao que tudo indica, foi o pai que não soube aproveitar a oportunidade. Comportamento que devia ter relação com o terrível segredo familiar com o qual Auster se depara na sua tentativa de recuperar um pai interno após a morte do pai externo. O avô, pai do pai, havia sido assassinado pela esposa, avó de Paul. E o seu pai, um garoto à época, presenciou. Podem-se imaginar as assustadoras fantasias do adulto, em vias de ser pai, de vir a se tornar Laio (ou Agamenon morto pela própria esposa, Clitmenestra). O “autoexílio” paterno criou dificuldades para a simbolização da morte deste pai, o que Auster procura fazer ao longo do seu depoimento. Quem lê o recente e autobiográfico *Diário de inverno* (2014), que enfoca lembranças desencadeadas pela perda da mãe idosa, consegue perceber um pai mais “paterno”, provável fruto de uma elaboração ao longo dos anos. Uma fronteira psíquica mais dinâmica entre áreas da mente permite que vivências mais primitivas sejam ressignificadas por novos aspectos amadurecidos, como parece ter sido o caso. Obviamente, a fronteira dinâmica também enriquece a área simbólica, que em Auster já era exuberante, o que

mostra que crescimento pessoal (como o que uma análise proporciona) não extingue a criatividade, como muitos temem.

O pai ausente é um tema frequente na clínica e que costuma complicar o processo de simbolização na fase edípica. Como o filho poderá superar o pai sem deixar de admirá-lo? Como contestá-lo? Como dizer a ele que não é o maior só porque tem a posse particular de alguns espaços físicos e psíquicos da mãe? Nada disso é possível se o pai não está lá ou se a mãe não consegue preservar alguma imagem do pai para o filho.

Lembro-me de Rosana, cujo marido saiu de casa durante a gravidez do quarto filho e nunca mais deu notícias. Foram muitas as sessões em que ela relatou como foi tomada pela depressão durante o primeiro ano deste filho e que acreditava tê-lo prejudicado na época e nos anos posteriores. Dois anos depois da alta ela me pede que converse com este filho – que há muito apresentava dificuldades diversas – para encaminhá-lo a um tratamento. Impressionou-me como as angústias que ele relatava eram semelhantes ao que a mãe me havia descrito sobre as reações dele no primeiro ano. Mostra o quanto precisou ficar aderido à mãe para conseguir sobreviver, sem uma presença de pai que chamasse para si a ambivalência do filho e favorecesse uma separação. Os outros filhos de Rosana tiveram menos problemas posteriores, em parte por ter um pai ainda presente (apesar de muito falho) e uma mãe não totalmente ressentida com ele.

Roth

A obra literária de Philip Roth é um dos mais bem acabados exemplos das vicissitudes da relação pai-filho, especialmente a rivalidade derivada dos aspectos agressivos do conflito edípico. Os personagens de seus romances são consumidos pela luta entre a necessidade de superar e se diferenciar do pai (um equivalente a matar simbolicamente) e a culpa resultante. O folclore judaico costuma enfatizar o aspecto possessivo da mãe judia. Já Roth especializou-se no pai judeu, muitas vezes caricato, autoritário e arbitrário, com preocupação quase paranoica com a individualidade dos filhos, sem senso de ridículo. Por outro lado, um pai presente, carinhoso, devotado ao bem-estar da prole.

O conflito de gerações é a forma mais comum da rivalidade se expressar na obra dele. Personagens com desejos por um mundo cosmopolita e plural, em contraposição ao universo fechado do bairro judeu aferrado às tradições e assombrado pelo antissemitismo. A cultura repressiva das origens diante de um

tempo de sexualidade livre e “perversa polimorfa”. A opção por ser um escritor que “denuncia” as peculiaridades dessa cultura sem negar a sua identificação.

Nos seus romances iniciais, especialmente em *Complexo de Portnoy* (1971), que o tornou um escritor renomado, as mães estão mais próximas de características possessivas e controladoras da individualidade do filho. Gradativamente a mãe se torna presente de outras formas. Submissa ao pai, aprova suas condutas, assim como funciona na contenção dos arroubos paternos e, de forma sutil, autoriza os desejos de independência do filho. Essa configuração familiar é comum no paciente neurótico “tradicional” e, pensando bem, lembra a família original de Freud, tal como descrita por ele próprio e por seus biógrafos.

No livro *Patrimônio* (1991/2012), Roth narra os últimos anos com o seu pai após a viuvez deste, o acompanhamento da sua doença e dos seus últimos momentos. Relata o contato mais próximo com o pai envelhecido e fragilizado, mas que não perdeu a altivez, quando não a arrogância. A ambivalência percorre todo o depoimento, porém aí, diferente do jovem Portnoy, vê-se um Philip Roth maduro, podendo apreciar os aspectos admiráveis do pai.

No final do livro, após a morte do pai, o agente funerário pede a Philip e ao irmão que tragam um terno para vestir o defunto. Ambos dizem que ele deve ser enterrado com uma mortalha como na tradição judaica. Logo depois Philip fica em dúvida se o pai se importaria com isso, já que ele nem era mais religioso, e os filhos muito menos. Algumas semanas depois ele sonha com o pai vestido na mortalha branca, repreendendo-o por não ter sido enterrado de terno.

Tudo que vi foi a indignação no seu rosto morto. E suas únicas palavras foram uma censura ... O sonho me dizia que, se não nos meus livros ou na minha vida, ao menos em minhas fantasias eu viveria eternamente como seu filho pequeno, com a consciência de um filho pequeno, tal como nelas ele continuaria vivo não apenas como meu pai, mas como o pai, proferindo sentenças sobre tudo que eu faço. (Roth, 1991/2012, p. 191)

O livro de Roth foi escrito em 1991 e na sua obra posterior ele continuou a elaborar, através de seus personagens, a própria ambivalência em relação ao pai e a cumplicidade da proteção amorosa da mãe. Assim foi até se aposentar como escritor em 2014. Faleceu aos 85 anos em 2018. Não deixou filhos.

A resolução simbólica do complexo de Édipo é tarefa permanente do psiquismo. Como Freud nos ensinou, o que está no inconsciente não morre. Ainda bem que temos a literatura e a psicanálise para nos ajudar nessa empreitada.

The death of the father and the symbolic resolution of the oedipal murder. Transiting psychic borders

ABSTRACT From the mythical story presented by Freud in *Totem and taboo* about the murder of the father in the primeval horde, reflections are developed on the formation and consolidation of psychic boundaries that enabled the human being to transform homicidal and incestuous acts into symbolic experiences. Questions about the Oedipus complex are examined within this perspective by highlighting the changes in paternal-maternal-filial relationships over time. From texts by Italo Svevo, Giuseppe Berto, Paul Auster and Philip Roth (the last three of an autobiographical character), in which the death of the father has a predominant role, the specificities of the fantasy symbolization of oedipal murder in each father-son relationship are discussed as well as the mother's role in these configurations.

KEYWORDS - Oedipus complex; psychic boundaries; symbolization; psychoanalysis and literature.

La muerte del padre y la resolución simbólica del asesinato edípico. Transitar por fronteras psíquicas.

RESUMEN A partir de la historia mítica presentada por Freud en *Totem y tabú* sobre el asesinato del padre en la horda primitiva, se desarrollan reflexiones sobre la formación y consolidación de fronteras psíquicas que permitieron al ser humano transformar actos homicidas e incestuosos en experiencias simbólicas. Cuestiones sobre el complejo de Edipo se examinan desde esta perspectiva al resaltar los cambios en las relaciones paterno-materno-filiales a lo largo del tiempo. De los textos de Italo Svevo, Giuseppe Berto, Paul Auster y Philip Roth (los tres últimos de carácter autobiográfico), en que la muerte del padre tiene un papel predominante, se discuten las especificidades de la simbolización de la fantasía del asesinato edípico en cada relación padre-hijo, así como el papel de la madre en estas configuraciones.

PALABRAS CLAVE - complejo de Edipo; fronteras psíquicas; simbolización psicoanálisis y literatura.

Referências

- Auster, P. (1999). *A invenção da solidão* (Rubens Figueiredo, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1982).
- Auster, P. (2014). *Diário de inverno* (Paulo Henriques Britto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Berto, G. (2005). *O mal obscuro* (Mauricio Santana Dias, trad.). São Paulo: 34. (Trabalho original publicado em 1964).
- Chianes, D. (2011). A brief history of the Italian Psychoanalytical Society. In Loewenberg, P. & Thompson, N.L. (Orgs.), *100 years of IPA*. Londres: IPA-Karnac.

A morte do pai e a resolução simbólica do assassinato edípico. Transitando por fronteiras psíquicas.

- Fairbairn, W. R. D. (2001). *Estudio psicoanalítico de la personalidad* (Jorge Mom, trad.). México-Buenos Aires: Lumen-Hormé.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na cultura (Renato Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM Pocket. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2012a). A interpretação dos sonhos (Renato Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM Pocket. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (2012b). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Paulo César Souza, trad., v. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Miodownik, B. (2007). Anti-heróis na literatura e na clínica psicanalítica. *Trieb*, 6(1): 113-134.
- Miodownik, B. (2013). Uma releitura de *Totem e tabu*: integrando antigas e novas narrativas sobre o pai. *Trieb*, 12(1-2): 47-66.
- Roth, P. (1971) - Complexo de Portnoy. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura.
- Roth, P. (2012). *Patrimônio* (Jorio Dauster, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1991)
- Siegel, A. M. (2005). *Heinz Kohut e a psicologia do Self*. (Paulo Henrique Bernardes Rondon, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sófocles. (1989). *A trilogia tebana* (Mario da Gama Kury, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Steiner, J. (1997). Dois tipos de organizações patológicas em Édipo-Rei e Édipo em Colono. In J. Steiner, *Refúgios psíquicos* (Ricardo Quintana e Maria de Lourdes Sette, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Svevo, I. (1984). *A consciência de Zeno* (Ivo Barroso, trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1923).

Recebido: 26/9/2019

Aceito: 1/12/2019

Bernard Miodownik
Rua Figueiredo de Magalhães, 219 sala 408
22031-011 Rio de Janeiro – RJ
Tel: 2549-8734
betchkov@uol.com.br